

OS OSTROGODOS NA ITÁLIA.

Vivemos numa época de transição: muitas formas tradicionais já não são capazes de nos cativar o interesse, e ainda não conseguimos assimilar visceralmente o que cada dia se nos apresenta de novo. Essa polaridade entre “já não” e “ainda não” cria muitas vezes um vácuo em nós, tornando-nos inseguros e entregando-nos a forças antagônicas e contraditórias. Um dos mais graves problemas do momento atual é: de que modo podemos salvar para o futuro o que é de valor real nas formas tradicionais e, ao mesmo tempo, apropriar-nos vitalmente das conquistas hodiernas, dando-lhes um significado profundamente humano? Muito melhor do que gerações anteriores estamos nós capacitados e inclinados para penetrar na problemática daquelas épocas que atravessaram uma crise da cultura. Uma afinidade íntima leva muitos contemporâneos ao estudo dos “Séculos Obscuros”, apesar de não ser muito confortador o espetáculo que nos oferecem, e a despeito das grandes diferenças que deles nos separam: suas realizações literárias são insignificantes; seu nível de cultura científica é muito baixo; do ponto de vista político e sociológico, é uma época confusa, em que as antigas instituições fazem uma resistência obstinada às formas novas que, à viva força, procuram irromper; a leitura de seus anais poderia dar-nos a impressão de uma série absurda e estúpida de guerras e sedições, de crimes e calamidades. Não obstante, percebemos através dessa miséria humana, o apontar de uma coisa diferente que a custo vai abrindo um caminho e cuja meta final era impossível de prever pelas gerações diretamente envolvidas no processo de incubação histórica.

Na História, a morte significa amiúde o início de uma vida nova. O que está velho, precisa morrer para que algo de novo possa nascer. A morte quase nunca é total, e não raro é sumamente fecunda: o passado continua sua ação benéfica ou maléfica, sobrevivendo em tempos posteriores como ideal ou consolo, como peso ou obsessão. O choque entre dois mundos opostos pode ser um princípio de dinamismo, de progresso, de regeneração: a História do Ocidente conhece vários exemplos

dessa evolução dialética. Alguns teóricos sonham com um termo final da História em que a integração de todos os valores do passado será perfeita. Mas a História, como dizia Péguy, não é uma caixa econômica em que só se façam depósitos, e não retiradas. A integração absoluta e perfeita não é deste mundo.

No presente artigo pretendemos expor, de maneira sintética, a morte das formas antigas na Itália durante a ocupação dos ostrogodos.

*
* *

O Reino italiano de Teodorico e de seus sucessores foi o último ato do drama do declínio do Império Romano no Ocidente, drama em que, como se sabe, os bárbaros desempenharam um papel de destaque. Geralmente, porém, exagera-se a importância do papel histórico dos invasores germânicos. As invasões dos bárbaros não foram a causa principal da Queda de Roma, mas não passaram de um dos graves sintomas salientes da decadência interna de que o Império sofria desde os dias dos antoninos. Esta decadência interna, cujas múltiplas causas não precisamos expor aqui, tornava Roma uma presa fácil para os bárbaros. Ao lermos os anais desses séculos turbulentos, não podemos deixar de estranhar que a cena final não se tenha dado muito antes. Devemos lembrar-nos de que os germanos, no seu trabalho de desmoronar o edifício de muitos séculos, eram tolhidos por diversos obstáculos. Em primeiro lugar, faltava-lhes a faculdade de planejar e de organizar um ataque metódico ao organismo moribundo, até mesmo no terreno estritamente militar. Em campo aberto, onde operações em massa traziam muitas vezes a decisão, os germanos eram geralmente superiores aos romanos; na arte de assediar uma praça forte, quase sempre falhavam (1).

Faltava-lhes a visão do conjunto e, o que era mais grave ainda, a unidade. O que se passara, nos tempos de Augusto, entre Armínio e Segestes (2), tornou a suceder repetidas vezes no Baixo Império: rivalidades e ciúmes entre os chefes, atos vis de corrupção e de traição enfraqueciam a posição dos bárbaros, facilitando o jogo da diplomacia romana sempre superior

(1). — Cf. por exemplo Ammianus Marcellinus, XXXI, 6, 4; Procopius, *De Bello Gothico*, I 27, 26.

(2). — Cf. Tacitus, *Annales*, I 55: *Nam spes incesserat dissidere hostem in Arminium ac Segestem, insignem utrumque perfidia in nos aut fide*, etc.; cf. II 26.

(3). A antiga tática de **divide et impera** continuava dando bons resultados. Quem tiver o empenho de comprovar o mito da “fidelidade germânica” pela História, faz bem em não tomar conhecimento dos documentos daquele período. O que encontramos em todos os textos, é desmoralização e perfídia; sensualidade brutal e volúpia de poder, — sintomas êsses que costumam acompanhar o contacto prematuro de um povo primitivo com uma civilização adiantada (4).

Há outra razão, talvez mais importante ainda, porque a barbarização do Império resultou só muito tarde na sua decomposição total: os bárbaros não eram os demolidores intencionais da **res publica**. Para êles, Roma constituía não tanto uma inimiga a derrotar, quanto uma carreira a conquistar. Queriam explorá-la, não destruí-la. O resultado final da sua ânsia de tirar o maior proveito possível do **ordo romanus** foi a destruição do Império, mas êsse objetivo como tal não fazia parte dos seus planos. Entre os germanos, ao contrário do que acontecia na África arabizada, “a idéia romana” nunca pereceu por completo, nem sequer nos séculos mais obscuros da Idade Média: os gôdos, os francos, os burgúndios e os vândalos mostravam-se altamente suscetíveis ao grande nome de Roma, gabando-se de serem seus soldados (5). Soldados, é verdade, pouco disciplinados, muito exigentes e bastante incômodos. Seus instintos desenfreados vinham sendo, ao mesmo tempo, estimulados e impressionados pelo prestígio quase mágico de Roma: aliciavam-nos as formas superiores de organização que possuía o Império, sua técnica mais desenvolvida, seu conforto muito maior e, no decurso dos anos, os ia seduzindo também sua cultura espiritual muito mais rica e requintada (6). Não se insurgiam contra Roma, levados por um cego ódio racial nem tampouco em virtude de um programa nacionalista; a diferença entre a religião dos vencedores e a dos vencidos era só poucas vezes motivo para perseguições. As côrtes dos reis bárbaros, uma vez, bem ins-

-
- (3). — Só poucos bárbaros, ao que parece, tinham consciência dêste fato, mas cf. a invectiva interessante de Teodorico, o filho de Triário, contra seu rival Teodorico, o filho de Teodemiro, *apud* Malchus, fr. 15 (FHG, IV pág. 122).
- (4). — Cf. P. Courcelle, *Histoire Littéraire des Grandes Invasions Germaniques*, Paris, 1948, onde o leitor encontrará abundantes informações sobre as diversas reações dos romanos diante da invasão dos bárbaros, e sobre o processo de adaptação dos germanos à civilização romana.
- (5). — Na véspera da grande invasão dos hunos, o Imperador Valentiniano III escreve a Teodorico, o rei dos visigodos: *Armorum potentes, javete propriis doloribus, et communes jungete manus! Auxiliamini etiam Rei publicae, cujus membrum tenetis* (*apud* Jordanes, *Getica*, 188).
- (6). — Sabemos que certos reis bárbaros possuíam alto grau de cultura, por exemplo, Gundobado (cf. Avitus, *Contra Eutychem*, I 2) e Transamundo (cf. Fulgentius, PL 65, 226).

taladas no antigo território romano, faziam caso de adotar os benefícios da civilização superior, às vezes, de forma bastante desastrada, e os nobres germânicos não tardaram em seguir o exemplo dado pelos príncipes. Os reis gostavam de cercar-se de juristas (7), poetas (8) e retores (9) romanos, criando neles e em si mesmos a ilusão de que o Império e sua cultura continuavam existindo. Mais significativo ainda é o fato de que quase todos êles, mais cedo ou mais tarde, se dirigiam ao Imperador de Bizâncio, pedindo-lhe a sanção do seu regime: nestas solicitações costumavam frisar que o território, confiado aos seus cuidados, era administrado em perfeita conformidade com as leis imperiais e em perfeita harmonia com a vontade do **basileus** (10): muitos dêles chegaram a reconhecer formalmente a soberania do Imperador. Embora tudo isso, na prática, não passasse de uma mentira oficial, — a época era engenhosa na arte de camuflar situações embaraçosas! — as diligências provam que a idéia da unidade do Império ainda estava viva no século VI (11). Também o ostrogodo Teodorico não se atraveu a combatê-la.

O regime de Teodorico (490-526) parece a execução do programa de Ataulfo, o capitão dos visigodos e sucessor de Alarico que, em 410, saqueara a Cidade Eterna. Segundo Orósio, Ataulfo tinha originariamente o plano de aniquilar a “România” e de transformá-la em “Gótia”, mas ensinado pela experiência,

- (7). — Por exemplo, Leão, o editor das *Leges XII Tabularum* e conselheiro de Eurico, o rei dos visigodos, cf. Sidonius Apollinaris, *Epistulae*, VIII 3, 3; *Carmina*, XXIII 446-449.
- (8). — Por exemplo, os poetas Florentino e Félix que elogiaram Transamundo, o rei dos vândalos, cf. Schanz-Hosius, *Geschichte der römischen Literatur*, Bd. IV 2, págs. 71-73.
- (9). — Por exemplo, Cassiodoro na corte de Ravena. — O ostrogodo Teodorico servia-se também do filósofo e “cientista” Boécio para dar maior brilho ao seu governo, cf. Cassiodorus, *Variae*, I 45-46 (a remessa de *horologia* a Gundobado, o rei dos burgúndios); II 40-41 (a remessa de um *citharoedus* a Clóvis); I 10 (o saneamento do peso das moedas).
- (10). — Teodorico escreve ao Imperador (apud Cassiodorus, *Variae*, I 1, 2): *Vos enim estis regnorum omnium pulcherrimum decus, vos totius orbis salutare praesidium, quos ceteri dominantes jure suspiciunt, quia in vobis singulare aliquid inesse cognoscunt, nos maxime, qui divino auxilio in re publica vestra didicimus, quemadmodum Romanis aequabiliter imperare possimus. Regnum nostrum imitatio vestra est, forma boni propositi, unici exemplar imperii: qui quantum vos sequimur, tantum gentes alias anteuimus; cf. II 1, 4, e as palavras de Segismundo, o rei dos burgúndios, ao mesmo Imperador: *Vester quidem est populus meus, et plus me servire vobis quam illi praeesse delectat*, etc. (apud Avitus, *Epistulae*, 93).*
- (11). — Até Clóvis ficou muito satisfeito por receber o consulado (honorário, não efetivo) do Imperador Anastácio em 508, cf. Gregorius Turonensis, *Historia Francorum*, II 38: *Igitur ab Anastasio Imperatore codecillos (de consolatu accepit, et in basilica beati Martini tunica blattea indutus et clamide, imponens vertice diademam... et ab ea die tamquam consul aut augustus. (sic!) et vocitatus.*

chegou à conclusão de que seus gôdos, devido à sua mentalidade de bárbaros, eram incapazes de fundar e de manter uma **res publica**, razão pela qual passou a ambicionar o título honroso de **restaurator Romae** (12). Esta idéia, que talvez lhe tenha sido sugerida por sua espôsa Placídia, uma princesa romana, havia de ser realizada, quase um século depois e no âmbito restrito da Itália, por Teodorico, **the barbarian champion of civilization** (13). Diz Cassiodoro, seu ministro de propaganda (14), com muita razão: “E’ o grande mérito dos gôdos o terem protegido a civilização romana” (15). E’ pouco provável que Teodorico tenha marchado sôbre a Itália já munido desta ideologia; só pelo contacto com seus conselheiros romanos conseguiu guindar-se a esta altura. Uma vez consolidado seu poder na Itália, o conquistador transformou-se num restaurador.

Por falta de um térmo melhor, chamamos o Estado de Teodorico um “Reino”, mas ao usarmos esta palavra, devemos excluir muitas conotações que costumamos atribuir-lhe nos tempos modernos. Custa-nos imaginar uma organização política, pela qual dois povos — romanos e gôdos — habitavam o mesmo território, ligados entre si por direitos e obrigações mútuas, mas sem possuírem a mesma cidadania, sendo que cada um dos dois grupos à sua maneira estava subordinado à pessoa de um único príncipe. Do ponto de vista jurídico, a realeza de Teodorico era algo de extremamente complicado, baseando-se numa triplíce união pessoal: era lugar-tenente do **basileus** na Itália, general do Império Romano, e rei dos gôdos.

Não sabemos ao certo qual foi a natureza da procuração dada pelo Imperador Zenão ao aventureiro Teodorico, quando êste se aprontava para expulsar Odoacro da Itália, nem sabemos de quem partiu a iniciativa: as fontes são contraditórias (16). A nosso ver, a idéia da expedição italiana deve ter nascido no espírito do Imperador, porque era uma regra fixa

(12). — Paulus Orosius, *Historia adversus Paganos*, VII 43, 2-8.

(13). — Thomas Hodgkin, *Theodoric the Goth, the Barbarian Champion of Civilization*, London, 1923; Georg Pfeilschifter, *Theoderich der Grosse*, Mainz, 1910.

(14). — Uma das principais tarefas de Cassiodoro era a de tornar simpático ou, pelo menos, aceitável o governo dos ostrogodos na Itália, cf. Cassiodorus, *Variae*, IX 25, 2: *gratiosum vobis* (i. e. Romanis) *nostrum fecit imperium*.

(15). — Cassiodorus, *Variae*, IX 14, 8: *Gothorum laus est civilitas custodita*; cf. III 23, 3: *(Gothi) qui sic semper fuerunt in laudum medio constituti, ut et Romanorum prudentiam et virtutem gentium possiderent*.

(16). — Procopius, *De Bello Gothico*, II 1, 10-12; II 6, 16-17; Ennodius, CCLXIII 25-26; LXXX 109; Jordanes, *Getica*, 290-292; *Romana*, 348; a informação mais segura parece-nos a do Anonymus Valesianus, 49: *Cui Theodericus pactuatus est, ut, si victus fuisset Odoacer, pro merito laborum suorum loco ejus, dum adveniret, tantum praerégneret*.

da diplomacia bizantina aproveitar-se da rivalidade entre dois chefes bárbaros para enfraquecer, — ou, sendo possível, — para exterminar ambos; ora, a presença de Teodorico no Oriente era muito incômoda para o **basileus**. Acreditamos também que os têrmos do contrato feito entre Zenão e o ostrogodo eram positivamente vagos, o que devia ser vantajoso para as duas partes; é que deixando muita coisa em suspenso, os dois contratantes pensavam atender melhor aos seus interêsses próprios. Quando, em 493, Teodorico foi proclamado rei por suas tropas, as relações entre Ravena e Constantinopla se tornaram difíceis: Anastácio, o sucessor de Zenão, hesitou em reconhecer seu vassalo até o ano de 497, data em que lhe remeteu os **insignia** imperiais que Odoacro outrora enviara a Bizâncio (17): foi um gesto simbólico que, além de restabelecer a paz, exprimia a restauração da unidade imperial. A partir dêste ano Teodorico podia considerar-se como o delegado ou o lugar-tenente do **basileus** na Itália: nesta delegação, não concedida livremente, mas extorquida pela força das circunstâncias, baseava-se o poder de Teodorico sôbre os **cives Romani**.

Além disso, Teodorico era **magister militum** (= general) do Império Romano, tendo por chefe o mesmo **basileus** de Bizâncio. Os bárbaros que o haviam acompanhado para a Itália em 488, eram os soldados do Império sem serem cidadãos do Império. Segundo a terminologia da época, eram **foederati** isto é, estrangeiros que, vivendo de acôrdo com seus costumes nacionais e obedecendo aos seus próprios comandantes, tinham a licença (geralmente extorquida) de morar no território romano, pela qual se obrigavam a prestar certos serviços militares ao Império (18). Dada a incapacidade crescente dos romanos de dominarem a situação, a instituição dos **foederati** transformava-se cada vez mais num nome especioso para disfarçar uma triste realidade. Os **foederati** eram aliados incômodos e exigentes: pouco obedeciam às ordens do Imperador, nada lhes importavam os interêsses do Império, mas sua grande aspiração era a de fundar um reino independente dentro do território romano; faziam guerras e incursões, por iniciativa própria, não raramente contra os exércitos imperiais; exigiam remunerações exorbitantes por serviços que não haviam prestado e que não pretendiam prestar nunca. Teodorico era, portanto, general dos soldados gôdos, nominalmente a serviço do Im-

(17). — *Anonymus Valesianus*, 64; *Jordanes, Getica*, 257.

(18). — Os visigodos foram os primeiros **foederati** bárbaros que foram admitidos no território romano (em 376), cf. *Ammianus Marcellinus*, XXXI 4, 1-6.

pério, mas na realidade independente, — digamos: um **condottiere** emancipado.

A terceira coluna do seu poder era o pronunciamento militar feito pelos bárbaros pouco tempo depois da tomada de Ravena, a que já nos referimos (19). Em 471, Teodorico sucedera ao seu pai Teodemiro (20) como rei nacional (alemão: **Volkskönig**) daqueles ostrogodos que, durante o século V, se haviam estabelecido na Panônia como **foederati** do Império e que, sob o reinado de Teodorico, se mudaram para a península dos Balcãs. Esta realza hereditária expirou em 488, quando Teodorico, na qualidade de **magister militum** do Império Oriental, seguiu para a Itália: nem todos os seus gôdos o acompanharam nesta expedição, mas muitos ficaram nos Balcãs, onde no decurso dos anos se foram misturando com outras tribos (21); por outro lado, seguiram-no numerosos bárbaros de descendência diferente (22) e é possível que até alguns gregos se lhe tenham ajuntado (23). Para essa variada multidão de aventureiros (24) surgiu, logo depois da vitória sobre Odoacro (25) a necessidade de afirmar sua unidade política perante os romanos e os bizantinos; destarte aclamaram seu general Teodorico, — o ilustre “amalo” (26), o antigo rei nacional dos ostrogodos, —

- (19). — *Anonymus Valesianus*, 57: *...ut ingressus est Ravennam et occidit Odoacrem, Gothi sibi confirmaverunt Theodericum regem, non exspectantes iustionem novi principis.*
- (20). — Segundo Malchus (cf. nota 3) e *Anonymus Valesianus*, 42 e 58, Teodorico era filho de Valamiro que, na realidade, era seu tio; cf. Jordanes, *Getica*, 52; Ennodius, CCVIII 19; Cassiodoro, *Variae*, VIII 5, etc. — Sua mãe, Eriliva, concubina de Teodemiro, era católica e mudou quando batizada, seu nome original em Eusébia, cf. *Anonymus Valesianus*, 58.
- (21). — Jordanes, *Getica*, 292: *Igitur egressus urbe regia Theodericus et ad suos revertens, omnem gentem Gothorum, quae tamen ei prae buerat consensum, assumens, Hesperiam tendit.* — Godigiselo e Bessas são dois exemplos de gôdos que não acompanharam Teodorico, cf. Procópio, *De Bello Persico*, I 8, 3; *De Bello Gothico*, I 16, 2; *De Aedificiis*, III 7, 13.
- (22). — Foram principalmente os rúgios que se lhe ajuntaram, cf. Procopius, *De Bello Gothico*, II 14, 24; III 2, 1-3; entre os bárbaros que aclamaram Teodorico rei, devem ter-se achado também antigos soldados de Odoacro.
- (23). — Antimo (cf. Malchus, fr. 11) e Artemidoro (cf. Cassiodorus, *Variae*, I 42-44; III 22; Malchus, fr. 18), os dois gregos mais conhecidos na Itália dos ostrogodos, chegaram a Ravena só depois de consolidado o poder de Teodorico; outros casos são duvidosos.
- (24). — O êxodo dos bárbaros foi descrito por Ennodius, CCLXIII 26.
- (25). — Odoacro foi traiçoeiramente assassinado por Teodorico no dia 15 de março de 493, dez dias depois de uma combinação feita entre os dois capitães germânicos no sentido de governarem juntamente a Itália, cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 1, 25; Johannes Antiochenus, fr. 214a (FHG, V pág. 29), *Annales Ravennatenses*, ad a. 493; as fontes simpatizantes com os gôdos passam em silêncio que Teodorico quebrou a palavra dada.
- (26). — A genealogia da dinastia dos amalos encontra-se em Jordanes, *Getica*, XIV; é possível que aí encontremos alguns elementos oriundos das antigas sagas germânicas. O primeiro amalo atestado pela História é Ermenrichus ou Hermanrichus (cf. Ammianus Marcellinus, XXXI 3, 1). Segundo Jordanes, os

rei de todos os bárbaros que acabavam de estabelecer-se na Itália. Seria um engano considerarmos os gôdos na Itália como um grupo unitário. Sem dúvida, a antiga tribo dos ostrogodos (27) constituía o elemento principal do aglomerado heterogêneo, mas o povo gôdo como unidade política na Itália deve sua existência ao pronunciamento militar do ano de 493.

Embora Teodorico fôsse nominalmente o vassallo do **basileus**, na realidade comportava-se como sucessor dos Imperadores ocidentais (28), sendo que seu poder soberano em nenhum ponto essencial era inferior ao dos seus predecessores. E' verdade que não lançava mão de certas prerrogativas imperiais: o que promulgava, eram **edicta**, e não **leges** (29); abstinha-se de cunhar moedas com sua effigie (30); seu título era **rex**, e não **Augustus** (31). Outro termo vago e equívoco êsse **rex** (32), título desconhecido do direito romano. Teodorico era rei só dos gôdos, ou também dos romanos, ou talvez da Itália? Ninguém poderia dizê-lo com exatidão. O senhor da Itália tinha muito interêsse em omitir sistematicamente certas coisas, bem sabendo que sua posição jurídica era bastante precária e que seu reconhecimento por Bizâncio dependia da incapacidade do Imperador de fazer valer efetivamente seu poder na Itália. Respeitando certas susceptibilidades da época e contentando-se com o título vago de **rex**, — o título imperial teria passado por um sacrilégio, — Teodorico continuou o sistema dualista já inaugurado por Odoacro: os romanos eram **cives**, excluídos de todo e qualquer encargo militar (33), e os gôdos eram **milites**,

amalos derivariam dos *anses* (= semi-deuses, cf. em alemão *Asen*) e seu progenitor seria *Gapt* (= *Gaut* = *Gothus*?).

- (27). — A diferenciação entre ostrogodos e visigodos encontra-se, pela primeira vez, entre 268 e 270: *Grutungi Austrogothi, Tervingi Visigothi* (apud *Scriptores Historiae Augustae, Vita Claudii*, 6). — Cf. L. Schmidt, *Geschichte der deutschen Stämme bis zum Ausgange der Völkerwanderung*, I-II, München, 1934-1940.
- (28). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 1, 29.
- (29). — Também os altos funcionários, por exemplo, os *praefecti praetorio*, podiam promulgar *edicta*. — Nas *Variae* de Cassiodoro encontramos alguns *edicta* promulgados pelo autor (XI 8; XI 11; XII 13, etc.).
- (30). — As moedas cunhadas por Teodorico têm, em geral, a effigie do Imperador e, no reverso, o monograma do rei gôdo; quanto aos pormenores, cf. J. B. Bury, *History of The Later Roman Empire*, New York, Dover Publications, 1958, Vol. I, pág. 454, nota 2.
- (31). — Só numa inscrição encontramos o título de "Augusto", cf. CIL, X 1, n. 6850: *Dominus noster gloriosissimus atque inclitus rex Theodericus victor ac triumphator semper Augustus bono rei publicae natus custos libertatis et propagator Romani nominis domator gentium...*
- (32). — O termo *rex* (em relação aos príncipes bárbaros, é usado também pelo grego *Procópio rex rhex*).
- (33). — Quanto à barbarização do exército romano no Baixo Império, cf. J. B. Bury, *op. cit.*, Vol. I, págs. 38-39; a opinião comum da época era: "Tanto melhor é um exército, quanto nele há maior número de bárbaros"; desde o

sem acesso a nenhuma função civil. Teodorico, embora pessoalmente **civis romanus** (34), não podia conferir aos seus gôdos a cidadania romana, e muito menos ainda o consulado ou a dignidade senatorial.

O Reino de Teodorico era uma construção extremamente factícia, a que faltava tôda a fôrça interna e orgânica. Seu reinado se nos apresenta como o prolongamento artificial do Baixo Império, não como o início de uma época nova. Cumpre confessar que as circunstâncias estavam pouco maduras para uma inovação radical: a Itália, o bérco do Império Romano, tinha ainda reminiscências muito vivas dos tempos idos; os senadores constituíam ainda um fator de suma importância no terreno econômico, social e cultural; a idéia do Império uno e indivisível, bem como, a do Imperador cristão, ortodoxo e universal, estavam em pleno vigor. Se levarmos em consideração êsses e outros fatôres, devemos reconhecer que Teodorico conseguiu solucionar com grande habilidade a maioria dos problemas práticos que se lhe apresentavam, se bem que sua solução não fôsse grandiosa nem pudesse servir de modelo inspirador para gerações posteriores. Sua personalidade foi maior do que a obra que realizou, e não é sem motivo que a saga germânica o prestigia como o grande **Dietrich von Bern** (35).

*

* *

Os problemas que Teodorico tinha que enfrentar, depois da sua vitória sôbre Odoacro, podem ser resumidos nestes quatro itens: suas relações com o **basileus**, com os bárbaros no Ocidente, com os gôdos e com os romanos.

Suas relações com Bizâncio eram só raras vêzes cordiais, sendo que sua posição não se baseava numa combinação livremente feita pelo Imperador com o seu vassalo, mas na fôrça imperiosa das circunstâncias. Atrás das frases de cortesia trocadas pelas duas côrtes (36), percebemos claramente sentimentos de desconfiança mútua, e lemos ameaças veladas dos

Imperador Valentiniano III, nenhum *civis romanus* podia ser obrigado a ser soldado, exceto para defender a sua cidade (Nov. 5).

(34). — Teodorico havia sido nomeado cônsul pelo Imperador Zenão para 484; além d'isso, recebeu os títulos de *patricius* e de *filius per arma* (cf. Jordanes, *Getica*, 289).

(35). — Dietrich von Bern = Teodorico de Verona, cidade onde Teodorico gostava de residir; aí fêz construir um palácio e termas.

(36). — Cassiodorus, *Variae*, I 1 e II 2. — Outras cartas nas *Variae* dirigidas à côrte de C. pla são: VIII 1 (Atalarico); X 1 (Amalasantha); X 2 (Teodado); X 3-4, e X 8-10 (Amalasantha e Teodado); X 19-24 (Teodado e sua espôsa Gudeliva); X 15, e X 25-26 (Teodado); X 32 (Vitiges). O tom

dois lados. Somente entre 518 e 522, as relações entre Ravena e Bizâncio parece que nada deixaram a desejar, resultado da paz eclesiástica entre as duas Romas, de que havemos de falar mais adiante.

Em relação aos bárbaros estabelecidos na Gália, na Espanha e na África, Teodorico, o rei da antiga metrópole, seguia uma política que parece antecipar a da **felix Austria** (37), dando-lhes, através de matrimônios, princesas da dinastia dos amalos. Sua filha natural Ariagne ou Ostrogoto desposou Segismundo, o rei dos burgúndios (38); Alarico II, o rei dos visigodos, casou com Tiudigoto, uma segunda filha natural de Teodorico (39); outro visigodo, Eutarico (40), casou com Amalasunta, a única filha legítima do rei da Itália (41); Amalafreda, a irmã de Teodorico, teve que deixar a Itália, depois da morte do seu primeiro marido, para ser a esposa de Transamundo, o rei dos vândalos que residia em Cartago (42); Amalaberga, a sobrinha de Teodorico, foi desposada por Herminafredo, o rei dos túringsios (43); êle mesmo se casou com Audefleda, a irmã de Clóvis, o rei dos francos (44). **Et sic per circuitum placavit omnes gentes** (45), diz o cronista que, ao que parece, tinha muita confiança na política matrimonial do seu senhor. O que Teodorico ambicionava com seu sistema de casamentos políticos, era uma primazia de honra entre todos

dessas cartas diplomáticas varia conforme a personalidade dos príncipes gôdos e reflete fielmente a atitude tomada por cada um deles perante a côrte de Constantinopla, mas não podemos entrar aqui na análise das mesmas.

- (37). — Distico atribuído a Mathias Corvinus, rei da Hungria (1458-1490):
Bellum gerant alii; tu, felix Austria, nube!
Nam quae Mars aliis, dat tibi regna Venus.
- (38). — Cf. Jordanes, *Getica*, 297; *Anonymus Valesianus*, 63. — O nome próprio desta princesa gôda era Ariagne ou Ariadne, mas para distingui-la da princesa homônima de Bizâncio (filha do Imperador Leão, esposa de Zenão desde 458) era muitas vezes indicada com o nome de Ostrogoto.
- (39). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 63; Jordanes, *Getica*, 297; Procopius, *De Bello Gothico*, I 12, 22.
- (40). — Cf. Jordanes, *Getica*, 297; Cassiodorus, *Chronicon*, ad a. 515. — Segundo Jordanes (*Getica*, 81; 251; 298), Eutarico descenderia do famoso Hermanrichus (cf. nota 26), o que provavelmente não passa de uma tentativa da côrte de Ravena no sentido de dar ao sucessor presuntivo de Teodorico o brilho de uma origem amala.
- (41). — Amalasunta era filha de Teodorico e de Audefleda (cf. nota 44); ela ficou mãe de Atalarico e de Matasunta (a futura esposa de Vítiges).
- (42). — Cf. Jordanes, *Getica*, 299; *Anonymus Valesianus*, 68; Procopius, *De Bello Vandalico*, I 8, 11-13.
- (43). — Cf. Jordanes, *Getica*, 299; *Anonymus Valesianus*, 68; Procopius, *De Bello Gothico*, I 12, 22; Cassiodorus, *Variae*, IV 1.
- (44). — Cf. Jordanes, *Getica*, 295: *tertioque... anno ingressus sui in Italia... missaque legatione ad Lodoin Francorum regem filiam ejus Audefledam sibi in matrimonium petit*. A palavra *filiam* deve ser mudada em *sorem*, cf. *Anonymus Valesianus*, 63; Gregorius Turonensis, *Historia Francorum*, III 31.
- (45). — *Anonymus Valesianus*, 70.

os potentados bárbaros do Ocidente, uma espécie de confederação patriarcal dos povos germânicos, presidida e liderada por êle. Nas *Variae* de Cassiodoro encontramos diversas cartas endereçadas aos membros dessa confederação frágil e pouco duradoura, cartas sumamente interessantes pelo tom em que estão redigidas (46): algumas (por exemplo, as dirigidas aos reis dos burgúndios e dos turíngios) revelam paternalismo, outras (por exemplo, as dirigidas aos reis dos vândalos e dos francos) coleguismo, sob o qual se esconde uma certa preocupação. A confederação dos povos germânicos, tal como havia sido planejada por Teodorico, não surtiu o efeito desejado: embora o rei dos ostrogodos conseguisse fazer-se respeitar por todos, não era capaz de lhes impor sua vontade nos momentos críticos. Principalmente os francos, os burgúndios e os vândalos contrariavam muitas vezes seus planos, ainda que nunca chegassem a entrar em conflito direto ou aberto com o rei da Itália. Depois da morte de Teodorico, a confederação teve uma morte inglória.

Entre os gôdos o poder de Teodorico não era disputado: a única vez que ouvimos falar numa certa oposição contra o regime, é quando o conde Odoim lhe armou uma cilada, a qual foi logo descoberta e desmanchada (47).

Os gôdos, como **milit**es do Império, ficaram empossados de propriedades na Itália em virtude de uma antiga lei sobre o aquartelamento de tropas (48): esta lei determinava que os cidadãos cedessem a terça parte da sua habitação aos soldados aquartelados com êles. Mas visto que, no caso dos gôdos, se tratava de um aquartelamento permanente, a lei era interpretada num sentido bastante largo, estendendo-se a divisão não só à casa, mas também ao solo, aos escravos, ao gado e aos utensílios. Com a execução da medida foi encarregado o aristocrata romano Libério; dêle diz Teodorico:

“Com satisfação mencionamos o fato de que Libério, ao executar a distribuição, ligou entre si não só as terras, mas também os corações dos gôdos e dos romanos; de vizinhanças geralmente nascem conflitos; no caso em aprêço, porém, a posse coletiva das terras criou uma convivência concorde” (49).

(46). — Cassiodorus, *Variae*, I 46 (a Gundabado); II 41 (a Clóvis); IV 2 (ao rei dos herúlios = Rudolfo?); III 1-4 (a Alarico, Gundabado, Clóvis, e aos reis dos herúlios, dos varnos e dos turíngios); IV 1 (a Herminafredo); V 1 (ao rei dos varnos); V 2 (ao rei dos héstios); V 43-44 (a Transamundo).

(47). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 68.

(48). — Cf. *Codex Theodosianus*, VII 8, 5 (6 de fevereiro de 398).

(49). — Cassiodorus, *Variae*, II 16, 5; cf. *Ennodius*, CDXLVII 5.

Essas palavras, apesar da sua tendência propagandística, contêm algo de verdadeiro. A instalação das 40 a 50 mil famílias “bárbaras” deve ter sido processo relativamente fácil na Itália de então que, segundo cálculos cautelosos, contava 5 milhões de habitantes (50); além disso, muitas terras devem ter ficado sem donos pela liquidação do regime de Odoacro. Na grande maioria dos casos, a divisão não foi efetiva: por motivos econômicos, não teria sido racional repartir tôdas as terras existentes, de modo que só os latifúndios foram atingidos pela medida, sobretudo os situados no norte do país, porque Teodorico, evitando uma dispersão demasiada das suas tropas, fazia questão de concentrá-las nas proximidades das suas residências: Ravena, Verona, Milão, Pavia, etc. Escapam-nos os pormenores da distribuição das terras (51), mas o certo é que, no mais das vêzes, os romanos deviam ceder ao fisco não a têrça parte das suas propriedades, e sim a têrça parte da sua renda: estas *tertia*e destinavam-se a custear os **donativa**s concedidos anualmente aos gôdos e tôdas as emprêsas militares. Muito provávelmente o pequeno proprietário era isento dessa obrigação, sendo que só os ricos pagavam o tributo militar. Mas os ricos daquele tempo eram imensamente ricos, possuindo geralmente vários latifúndios; se a ocupação gótica lhes diminuía a renda anual, esta se tornava mais estável e garantida, devido à ordem e à segurança que o novo regime trazia consigo. Pela vinda dos gôdos os senadores viam-se dispensados dos impostos extraordinários que, sob os Imperadores, tinham que pagar regularmente em tempos de guerra e revolução.

Os gôdos eram oficialmente os soldados do Império ou, segundo a terminologia muito correta da época, eram os “hóspedes” dos **cives romani**, vivendo como estrangeiros dentro do organismo político do qual eram os pretensos defensores (52). Não se misturavam com a população civil: matrimônios entre **cives** e **milites** não eram não só válidos, mas também punidos

(50). — As estimativas feitas pelos historiadores modernos variar muito; os dados fornecidos pelos contemporâneos são inseguros e contraditórios. Nós seguimos aqui Thomas Hodgkin, *Italy and her Invaders*, Oxford, 1896, Vol. III, pág. 182; cf. também J. B. Bury, *op. cit.*, Vol. I, págs. 104-105.

(51). — Cf. L. M. Hartmann, *Geschichte Italiens im Mittelalter*, Stuttgart-Gotha, 1923, Bd. I, págs. 91-93. — Os ostrogodos na Itália procederam com maior clemência do que os visigodos na Gália e na Espanha (que muitas vêzes exigiam duas têrças) ou do que os vândalos na África (que expulsavam todos os romanos de certas regiões).

(52). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, III 5, 4: *Dum belligerat Gothorum exercitus, sit in pace Romanus*; VII, 3, 3.

pela lei (53). Teodorico não visava a uma fusão entre os dois povos (54), sendo que tal fusão deveria automaticamente pôr termo à situação privilegiada dos seus gôdos na Itália. Mas a convivência de romanos e gôdos no mesmo solo tornava necessária uma certa unificação do direito (55), levada a efeito pelo célebre **Edictum Theoderici** (56). Os 154 parágrafos dêste Edito, todos êles baseados na vigente legislação imperial (57), procuravam criar uma certa uniformidade no que diz respeito ao direito territorial; quanto ao direito privado, o dualismo era respeitado. Ainda no século VIII temos notícia de um gôdo, habitante da Itália, que continuava vivendo conforme o direito tradicional do seu povo (58).

Os gôdos constituíam, portanto, um elemento estranho na vida política, social e cultural dos romanos. A palavra soberba de Sidônio Apolináris, dita a um dos seus amigos da Gália:

“Tu evitas o contacto com os bárbaros, porque não teriam boa reputação; eu os evito, mesmo que sejam bons” (59),

traduz sem dúvida alguma o pensamento íntimo também dos aristocratas romanos em relação aos seus hóspedes gôdos, cujo rei era incapaz de ler ou escrever (60). Só pouquíssimos romanos

- (53). — Cf. *Codex Theodosianus* III 14, 1 (28 de maio de 370 ou 373), e L. M. Hartmann, *op. cit.*, págs. 88-89; 124 (*Anmerkung* 4). — Cf. também Eunapius, *fr.* 60, FHG, IV pág. 41 (dispensa dada pelo Imperador a um bárbaro para desposar uma moça romana). Quanto à aversão dos romanos por matrimônios “mixtos”, cf. Claudianus, *De Bello Gildonica*, 190-193. — Sabemos que, na Espanha, só sob Leovígildo (568-586) ficou permitido o *conubium* entre romanos e gôdos. As nossas fontes guardam o silêncio sobre a situação na Itália durante o regime dos ostrogodos, mas ela deve ter sido a mesma dos outros territórios ocupados pelos bárbaros.
- (54). — É errônea a frase de Georges Duby (apud *História Geral das Civilizações*, Vol. III 1, pág. 23): “Cassiodoro, enfim, romano de nascimento (*sic!*) e chefe da chancelaria real (o foi só de 523 a 527), prepara, pregando a tolerância mútua, a fusão completa entre gôdos e romanos”.
- (55). — Quanto à necessidade de unificar as leis, cf. Cassiodoro, *Variae*, III 13, 3; VIII 3, 4.
- (56). — O *Edictum* foi editado por F. Bluhme, apud *Monumenta Germaniae Historica, Leges*, V, Hannoverae, 1870. — Não sabemos ao certo quem o redigiu, nem em que ano foi promulgado; em todo o caso, o redator não foi Cassiodoro e muito provavelmente foi promulgado nos primeiros anos do reinado de Teodorico.
- (57). — *Edictum Theoderici Epilogus*, III: ...*quae ex novellis legibus ac veteris juris sanctimonia pro aliqua parte collegimus*. — Cf. também *supra*, nota 29.
- (58). — *Stavilla civis Brixianus vivens legem Gothorum*, cf. Th. Mommsen, *Gesammelte Schriften*, Bd. VI, págs. 465-476.
- (59). — Sidonius Apollinarius, *Epistulae*, VII 14, 10.
- (60). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 79: *Igitur rex Theodericus illitteratus erat et sic obtuso sensu, ut in decem annos regni sui quattuor litteras subscriptionis edicti sui discere nullatenus potuisset: De qua re laminam auream jussit interrasilem fieri, quattuor litteras “leg” habentem: unde, si subscribere voluisset, posita lamina super chartam per eam pennam ducebat, ut subscriptio*

se interessavam pela História e pelas tradições dos gôdos; mencionamos Cassiodoro, autor de uma **Historia Gothica** (61), e Cipriano (o adversário de Boécio) que tomou parte na expedição dos gôdos contra os búlgaros em 505 e fêz ensinar aos seus filhos a língua gótica (62). O próprio Teodorico não encorajava a “deserção”, mas dizia: “Um mau romano imita os gôdos, e um mau gôdo imita os romanos” (63). Sôbre a vida particular dos gôdos estamos muito mal informados: só sabemos que tinham muita afeição aos seus antigos cantos heróicos (64) e que apreciavam bastante o toucinho a ponto de se tornar necessário um decreto que proibisse a exportação desse produto muito estimado para o estrangeiro (65). Em consequência das circunstâncias novas em que viviam, os gôdos devem ter perdido também muitas das suas antigas instituições nacionais, impossíveis de conservar num ambiente diferente.

Qual era a atitude tomada pelos romanos diante do regime gótico? Das classes humildes, cuja influência na vida política era praticamente nula, ouvimos pouca coisa. Os numerosos servos (*coloni*), presos à gleba, o proletariado urbano, os pequenos artesões e comerciantes eram **cives romani** só no sentido jurídico da palavra (66); na realidade, o Estado era para êles um déspota que os prendia com vínculos férreos ao solo ou à profissão. Um ônus hereditário mais hediondo do que o inventado pelo Baixo Império é difícil de imaginar. Não eram nacionalistas, e muito menos ainda imperialistas, aquelas massas anônimas e quase embrutecidas (67) que viviam

ejus videretur. — A mesma história se conta do Imperador Justino, cf. Procopius, *História Arcana*, VI 15.

(61). — Esta obra (cf. Cassiodorus, *Variae*, IX 25, 4-6) chegou aos nossos dias só através de um resumo feito por Jordanes (*Getica*) em C. pla (551).

(62). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, V 40, 5; VIII 21, 3: *Pueri stirpis romanae nostra lingua loquuntur, eximie indicantes exhibere se nobis futuram fidem, quorum jam videntur affectasse sermonem.* — Também Stágrio, amigo de Sidônio, falava um idioma germânico, cf. Sidonius Apollinaris, *Epistulae*, V 5: *Aestimari minime potest, quanto mihi ceterisque sit risui, quotiens audio, quod te praesente formidet linguae suae facere barbarus barbarismum.*

(63). — Anonymus *Valesianus*, 61: *Romanus miser imitatur Gothum, et vilis (outros lêem: utilis, mas parece-nos menos provável esta lição) Gothus imitatur Romanum.*

(64). — Cf. Jordanes, *Getica*, 28; 43; 79.

(65). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, I 34; II 12. — Proibição de exportar banha, cf. *Codex Justinianus*, IV 41.

(66). — Os *coloni* eram praticamente escravos: *utra peior fortuna?*, pergunta *Codex Justinianus*, XI, 47, 21. — Quanto à sua situação em geral, cf. A. Pignaniol, *L'Empire Chrétien*, Paris, 1947, págs. 276-278; J. B. Bury, *op. cit.*, vol. I, págs. 55-63.

(67). — Cf. o célebre discurso de Tibério Graco, apud Plutarchus, *Vita Tiberii Gracchi*, IX 8-7; no Baixo Império a situação dos pobres deve ter piorado consideravelmente.

numa miséria sem perspectiva; só podemos supor que, na medida em que iam perdendo o entusiasmo pelo Império, tenham adquirido mais amor pela “pequena pátria”. Para êle tôda e qualquer modificação do regime político deve ter sido um acontecimento sem grande interêsse, não passando de uma mudança de encenação; às vêzes acontecia também que as classes exploradas saudavam os bárbaros como seus libertadores (68). Ignoramos por completo qual foi a reação dos pobres na Itália diante dos novos senhores. Só sabemos que Teodorico em nada modificou suas condições de vida: adotou todo o sistema econômico e social, tal como o encontrara, mostrando-se conservador neste ponto como em todos os outros (69). Mas podemos admitir que seu regime enérgico e eficaz tenha conseguido prevenir certos excessos de exploração e que a prosperidade relativa de que gozava a Itália durante o seu reinado, tenha revertido também em benefício dos seus habitantes menos privilegiados (70).

E pior ainda era o fato de não existir no Baixo Império uma forte classe média, o sustentáculo da sociedade romana na época dos bons Imperadores; a organização dos **municipia**, outrora entidades relativamente autônomas, tinha-se transformado, desde as perturbações do século III, num instituto de fiscalização, cuja principal tarefa era a de extorquir tributos e impostos. O comércio estava geralmente nas mãos de sírios e judeus: explosões da raiva popular contra os judeus devem ser explicadas não só por sentimentos de fanatismo religioso (71). As cidades eram abandonadas, e todos os habitantes que ainda tivessem alguns meios, tentavam esquivar-se ao cargo molesto de **curialis** (72), pôsto outrora honroso e muito ambicionado (73). Também a classe média não sofreu nenhuma modi-

(68). — Os pobres, explorados pelo fisco, preferem os bárbaros aos romanos, cf. Ammianus Marcellinus, XXXI, 6, 5-6; Orosius, VII 41.

(69). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, I 25, 1, onde Teodorico diz: *Atque ideo major in conservandis rebus quam in inveniendis adhibenda cautela est*; cf. III 9, 1.

(70). — Quanto à segurança e à prosperidade durante o governo de Teodorico, cf. *Anonymus Valesianus*, 72-73.

(71). — Sobre as desavenças entre judeus e cristãos falam *Anonymus Valesianus*, 81-82, e Cassiodorus, *Variae*, IV 33 e V 37.

(72). — Os *curiales* (antigamente denominados *decuriones*) eram os membros (hereditários) dos senados municipais (*minor senatus*, cf. *Codex Theodosianus*, XII 1, 85; Cassiodorus, *Variae*, VI 3, 4; IX 2, 6). No Baixo Império deviam pessoalmente responder pelos impostos dos *municipia*; sobre suas obrigações, suas tentativas de fugir, suas atribuições, etc. na época de Teodorico falam Cassiodorus, *Variae*, II 18; VII 47; V 14; VIII 31; IX 4, etc., e *Edictum Theoderici*, 27; 52-53; 113; 126, etc.

(73). — Cf. Macrobius, *Saturnalia*, II 3, 11 (sobre seu prestígio na época de Cícero); mas já no século II d. C. lemos a notícia: *inviti fiunt decuriones* (*apud Plinius, Epistulae*, X 113). — Cf. também Basilus, *Epistulae*, 84

ficação radical durante a ocupação gótica, continuando sua existência precária da época anterior.

As duas únicas entidades romanas, cuja existência Teodorico tinha de levar em consideração, eram o Senado e a Igreja. Legalmente, o Senado era, naquele tempo, apenas a câmara municipal de Roma, mas sua influência era maior do que sob os últimos Imperadores. Os senadores, além de serem os senhores econômicos da Itália, eram para os bárbaros os representantes típicos da "romanidade", de cujas fileiras se recrutavam todos os importantes dignitários civis do Reino (74). Os senadores eram os *profiteurs* do Baixo Império, constituindo uma casta comparável à nobreza russa antes da Grande Revolução e divididos, tal como ela, em vários graus segundo as regras de uma hierarquia minuciosamente elaborada. Ao contrário dos cidadãos que tinham uma posição menos privilegiada, os aristocratas romanos eram nacionalistas, não raro — ao menos, em teoria, — imperialistas, e sobretudo conservadores em extremo. Para eles, o culto do passado era um sagrado dever de patriotismo. Epígonos mais estudiosos que bem dotados, cultivavam com uma verdadeira paixão as letras nacionais.

"Uma nobreza sem cultura", diz Enódio, "seria equivalente a repudiar a majestade celeste" (75),

e Boécio, como consta de um dos seus Prefácios, considerava o instruir seus concidadãos como uma das suas principais obrigações patrióticas (76). Procuravam antigos manuscritos para fazer novas edições dos autores clássicos (77), fundavam grêmios literários para discutir questões da literatura nacional (78), e entretinham entre si uma correspondência arrebi-

intercessão de Basílio a favor de um velho *curialis* junto ao governador de uma província).

(74). — Devemos fazer uma distinção entre os senadores efetivos e os membros da classe senatorial (*clarissimi*, que constituíam uma classe hereditária e podiam entrar no Senado sob certas condições); o Senado podia cooptar membros fora da classe senatorial, e o Imperador podia nomear ex-magistrados para o Senado, o que era regra bastante comum sob Teodorico. Só poucos "senadores" residiam em Roma e eram membros efetivos do Senado. — Quanto aos pormenores, cf. o livro de Ch. Lécrivain, *Le Sénat Romain depuis Dioclétien à Rome et à Byzance*, Paris, 1888.

(75). — Ennodius, LXIX 9: *Inerudita nobilitas caeleste numen abjurat*.

(76). — Boethius, *Commentarius in Arist. Categorias II, Praef.*, PL 64, 201 B.

(77). — Aos trabalhos filológicos dos últimos romanos devemos edições de César, Horácio, Vergílio, Sedúlio, Mácróbio, etc., como é provado pelas *subscriptions* em antigos códices.

(78). — Cf. o círculo de Mácróbio, tal como nos é conhecido por seus *Saturnalia*.

cada e artificial (79). Vivendo num mundo ilusório, não tinham a menor noção dos grandes problemas da época. Esses últimos romanos...! E' difícil não escrever uma sátira sobre eles. O valor real dos seus produtos literários está em flagrante desproporção com os méritos que eles próprios lhes atribuíam. Contudo seria injusto julgá-los exclusivamente pelos escritos que nos deixaram. Alguns dêles, — quem sabe, muitos, — desincumbiram-se escrupulosamente das suas funções administrativas (por exemplo, Cassiodoro e Libério), garantindo uma certa continuidade do sistema, coisa muito importante numa época caótica; alguns (por exemplo, Boécio e seu sôgro Símaco) não hesitaram em defender corajosamente suas convicções; e não esqueçamos que homens como Boécio, São Bento e São Gregório, a quem tanto deve a Idade Média, são oriundos da classe senatorial. A história é muitas vêzes indiscreta, revelando-nos preferivelmente o lado fraco das sociedades e dos indivíduos do passado. A crítica é fácil, mas também perigosa, visto ser uma arma que facilmente pode ser dirigida contra os próprios censores. Ao julgarmos os últimos romanos, devemos lembrar-nos de que as dificuldades da época eram enormes, exigindo qualidades quase sobrehumanas para enfrentá-las condignamente, qualidades que não temos o direito de exigir de ninguém, nem sequer de um senador romano.

Para Teodorico, o rei bárbaro, era muito importante viver em bons termos com o Senado, já que este constituía — juntamente com a Igreja — o único órgão representativo dos romanos que, munido da auréola de uma tradição multi-secular, ainda passava, embora apenas convencionalmente, pelo predo da liberdade (80): ofender os melindres de tal órgão teria sido pouco prudente por parte de Teodorico (81); nada seria mais insensato do que comprometer sua posição diante da côrte bizantina, com a qual o Senado entretinha relações diretas. Assim podemos verificar que o rei informava o **atrium libertatis** das suas decisões e nomeações mais importantes, pe-

(79). — Exemplos de tais epistológrafos são: o romano Símaco, o adversário de Ambrósio e Prudêncio (fim do século IV); Sidônio Apolináris na Gália (meados do século V); Enódio, bispo de Pavia (início do século VI).

(80). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, I 4, 1 (*atrium libertatis*); IX 25, 3 (*curia libertatis*); cf. III 6, 1; III 11, 2; IV 4, 5, etc.

(81). — Cf. Jordanes, *Getica*, 291: *Imperator... (Theodericum) magnis ditatum munibus dimisit a se, senatum populumque ei commendans Romanum*; as últimas recomendações feitas por Teodorico aos seus magnatas gódos teriam sido estas (*ibidem*. 304): *...ut regem (Athalaricum) colerent, senatum populumque Romanum amarent principemque Orientalem placatum semper propitiumque haberent post Deum*.

dindo-lhe para dar seu beneplácito (82). O Senado, gozando de um prestígio bem maior sob os ostrogodos do que era de costume sob os últimos Imperadores e possuindo autoridade, como nunca antes, em assuntos eclesiásticos, acedeu sem muita hesitação ao novo regime, pelo menos, na sua maioria (83). Sem dúvida, uma parte da classe senatorial, principalmente os **Romani di Roma** (por exemplo, Símaco e seu genro Boécio), mostravam-se um tanto reservados em relação a Ravena, vergados que estavam pela humilhação da Cidade Eterna (84), mas quase todos se conformavam com a situação, procurando guardar o decôro e as boas aparências: uma obstrução aberta ou organizada era, aliás, impossível, já que o Imperador, a única esperança dos “saudosistas” (85), tinha as mãos amarradas pelos acontecimentos no Oriente. Teodorico, para neutralizar a atitude de reserva revelada por algumas famílias aristocráticas (86), foi recrutando seus colaboradores mais chegados das fileiras da aristocracia provinciana, à qual pertenciam por exemplo os Cassiodoros.

Além da oposição entre romanos e bárbaros, que era tradicional, existia outra ainda, talvez mais importante para muitos habitantes da Itália, inclusive os senadores: os gôdos eram arianos, e os romanos eram católicos. Ora, o arianismo era pouco capaz de seduzir os romanos, já que passava por “uma religião de bárbaros” (87), superada pelos habitantes “civilizados” do Império há mais de um século. Por outro lado, o arianismo dos gôdos, bem como, o dos vândalos, espécie de Igreja nacional, indissolúvelmente ligada ao Estado: não possuía uma

(82). — Por exemplo, Cassiodorus, *Variae*, I 3-4; I 12-13; I 42-43; II 2-3; II 15-16; III 5-6, etc. (a primeira carta destina-se ao candidato, a segunda ao Senado).

(83). — Cf. J. Sundwall, *Abhandlungen zur Geschichte des ausgehenden Römertums*, Helsingfors, 1919 (em cujo livro se acha um relatório minucioso sobre as relações de Teodorico com o Senado de Roma).

(84). — Cf. Boethius, *De Consolatione Philosophiae*, I, *Prosa IV* 18: *Nam quae sperari libertas potest? Atque utinam posset!* — Até o sincero admirador de Teodorico, Enódio (CCCLXX 3) diz: *sed aliud genus virtutis quaeritur, postquam praemium facta est Roma victorum.*

(85). — Sabemos pelo poema de Prisciano (*De Laude Anastasii*, 239-266) que alguns aristocratas romanos se refugiaram em Bizâncio, esperando uma restauração do regime imperial na Itália.

(86). — Quanto ao orgulho dos senadores romanos, cf. Ammianus Marcellinus, XIV 6, 22: *vile esse quidquid extra urbis pomerium aestimant*; cf. Symmachus, *Epistulae*, I 52: *pars melior humani generis senatus*; cf. também Rutilius Namatianus, *De Reditu*, I 5-10.

(87). — Os arianos germânicos não professavam exatamente a mesma doutrina de Ario, condenada pelo Concílio de Nicéia em 325; diferentemente de Ario, negavam que Cristo fosse “criatura”, mas não obstante, aderiam a um certo “subordinacionismo”. Sua principal objeção contra Nicéia consistia na terminologia “filosófica”, pouco bíblica, usada por esse Concílio.

hierarquia bem desenvolvida e independente. Moralmente era inferior ao catolicismo, porquanto lhe faltava a instituição dos monges que eram os regeneradores do ideal cristão entre os católicos. Vivendo isolado da patrística, não podia entrar em diálogo com a teologia católica, que já naquele tempo se nutria pela filosofia antiga. Não obstante, seria um erro têmos os gôdos por indiferentes em matéria de religião: os grandes templos arianos construídos em Ravena e os textos bíblicos copiados na Itália provam claramente o contrário (88).

Também em assuntos religiosos Teodorico deixava subsistir a situação tal como a encontrara: os romanos continuavam católicos, os gôdos arianos. Cercava-se de conselheiros católicos, e Elpídio, um diácono católico (89), era seu médico; prestigiava o Papa e, por ocasião de uma visita a Roma em 500, foi saudá-lo reverentemente, “como se fôsse católico” (90). As duas religiões viviam numa coexistência pacífica: nada ouvimos de violentas discussões teológicas (91), nada de perseguições religiosas (92). Pôsto que a tolerância de Teodorico não fôsem completamente alheios motivos de ordem política, — nada o teria desacreditado mais do que uma posição hostil contra o catolicismo, — sua atitude tinha algo de individual, bem capaz de nos cativar a simpatia. Com efeito, a moderação dêste bárbaro era uma virtude excepcional numa época de fanatismo religioso. Ele proferiu a notável sentença:

“Não podemos impor a outros uma convicção religiosa, porque ninguém se deixa forçar a aderir a um credo religioso contra a sua vontade” (93).

Também se fala muito da sua tolerância em relação aos judeus: quando, porém, examinamos bem os documentos, ve-

- (88). — Por exemplo, o célebre *Codex Argenteus* (183 páginas do NT gótico), conservado em Upsala (Suécia); além disso, comentários a São Lucas, São João, calendários, etc. — Todos os restos literários do arianismo germânico, remontam aos ostrogodos na Itália.
- (89). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*. I 1, 38; Ennodius, CCCLXXXIV e CDXXXVII. Este Elpídio não deve ser identificado com o poeta do *Carmen de Christi Jesu Beneficiis* e dos *Tristicha*, igualmente um contemporâneo de Teodorico (obras editadas por D. H. Groen, Groninga, 1942).
- (90). — *Anonymus Valesianus*, 65.
- (91). — Houve discussões teológicas em Lyon (cf. Avitus, *Epistulae*, 23) sob Gundobadd, e em Cartago (cf. Ferrandus, *Vita Fulgentii*, 20-21) sob Transamundo. Os protocolos do “Colóquio de Lyon” (PL 69, 389 sqq.) são uma falsificação feita pelo padre oratoriano Jérôme Vignier (século XVII).
- (92). — Sobre as perseguições na África escreveu Victor Vitensis (em 487): *Historia persecutionis Africanae provinciae temporibus Geiserici et Hunirici regum Vandalorum*.
- (93). — Cassiodorus, *Variae*, II 27, 2: *Religionem imperare non possumus, quia nemo cogitur, ut credatur invitus*; IX 26, 4: *Nam cum divinitas patiatur diversas religiones esse, nos unam non audemus imponere*.

mos que neste ponto Teodorico não fêz nada senão aplicar as leis imperiais (94).

Enódio, comentando a política eclesiástica de Teodorico, diz:

“Nossa fé está com êle num pôrto seguro, embora seja herege” (95);

modificando essas palavras, poderíamos dizer talvez melhor:

“Nossa fé está com êle num pôrto seguro, justamente porque é herege bastante compreensivo para não fazer mártires”.

Pois Teodorico, como ariano, estranho aos assuntos internos da Igreja Católica, não sucumbiu à tentação de se arvorar em teólogo coroadado ou em **roi-sacristain**. Roma, ao contrário de Constantinopla com a sua ortodoxia oficial, ficou livre do Cesaropapismo, e pôde desenvolver em paz a doutrina da primazia papal (96).

Dualismo na administração, dualismo no direito, dualismo na religião!

Admiramos a prudência prática com que Teodorico resolveu os problemas dentro do sistema que lhe era imposto pelas circunstâncias, mas a admiração não nos impede de ver a fraqueza interna do sistema. Com tantas disparidades não se cimenta uma cultura nova. Entre elas a disparidade de religiões não foi o fator menos importante que contribuiu para o malôgro final do Reino dos ostrogodos na Itália.

*

* *

Para Teodorico foi muito vantajoso o fato de que a Igreja constantinopolitana, durante a maior parte dos quase quarenta anos do seu reinado, viveu separada da Sé Apostólica, em consequência do Cisma de Acácio (484-518). Esta circunstância mantinha muitos romanos, principalmente os senadores, afastados de Bizâncio, predispondo-os a aceitar mais resigna-

(94). — Sobre os judeus falam Cassiodorus, *Variae*, II 27; IV 33; V 37; e o *Edictum Theoderici*, 143. O rei dos ostrogodos baseava-se na legislação imperial, cf. *Codex Theodosianus*, XIV 8, 25, 2 e XVI 8, 27.

(95). — Ennodius, CDLVIII 7.

(96). — O papa Gelásio escreve (494) ao Imperador: *Duo quippe sunt, Imperator Augúste, quibus principaliter mundus hic regitur: auctoritas sacra pontificum et regalis potestas. In quibus tanto gravius est pondus sacerdotum, quanto etiam pro ipsis regibus hominum in divino reddituri sunt examine rationem, etc.* — Cf. Ennodius, II 22 (502); Avitus, *Epistulae*, 34.

damente, se não lealmente, o governo de Ravena que se abstinha escrupulosamente de se meter nos assuntos eclesiásticos dos romanos.

Em 482, o Imperador Zenão, a conselho do seu patriarca Acácio, promulgara um edito, o chamado **Henotikón**, o qual procurava reconciliar com a Igreja, ou antes, com o Império, os monofisitas, condenados pelo Concílio de Calcedônia (realizado em 451), que ainda eram muito numerosos na Síria e no Egito (97). O **Henotikón** tinha tôdas as características de um compromisso: não se manifestava explicitamente sôbre a questão discutida se em Cristo há uma ou duas naturezas (**phýseis**), mas definia a divindade e a humanidade do Redentor segundo a terminologia de São Cirilo de Alexandria; além de evitar as fórmulas usadas por Calcedônia, continha um golpe indireto a êsse concílio nas palavras finais:

“Anatematizamos todos quantos tenham, ou tenham tido, outra opinião, quer em Calcedônia, quer em qualquer outro concílio” (98).

O **Henotikón**, apesar de admitir uma interpretação ortodoxa, encontrou em Roma uma resistência muito forte, porque era considerado como uma usurpação por parte do poder secular e como uma tentativa de enfraquecer o prestígio de Calcedônia, a que o nome do grande papa Leão estava indissolúvelmente ligado. Os papas, principalmente Gelásio (492-496), protestaram enérgicamente contra o edito, pelo qual o Imperador exorbitava das suas faculdades; mas nem os protestos violentos de Gelásio nem a atitude indulgente do papa Anastácio (496-498) surtiram efeito.

O Cisma de Acácio ocasionou, em 498, a eleição de dois papas em Roma: Símaco, o papa legítimo, e Lourenço, o candidato dos senadores bizantinófilos (99). Nos graves conflitos entre os dois partidos, os clérigos e os senadores apelaram muitas vêzes para Teodorico. Por volta de 500, houve um sínodo em Roma, convocado para julgar Símaco que tinha sido acusado de graves crimes por seus adversários (100). Os bispos reunidos nem ousavam nem queriam proferir uma sentença decisiva, e pediram repetidas vêzes a Teodorico para

(97). — Cf. L. Duchesne, *L'Eglise au VIe Siècle*, Paris, 1925.

(98). — Evagrius, *Historia Ecclesiastica*, III 14, 2.

(99). — Para a política eclesiástica de Teodorico é fundamental o livro de G. Pfeilschifter, *Der Ostgotenkönig Theoderich und die katholische Kirche*, Münster i. W., 1896; cf. também L. Duchesne, *op. cit.*

(100). — Possuímos ainda as atas dêste Sínodo, editadas por Mommsen nas *Variae* de Cassiodoro (Berlim, 1894).

êle próprio tomar uma decisão, dispensando-os de uma tarefa espinhosa. Respondia-lhes o rei que não era competente para resolver questões eclesiásticas; sem exercer sôbre êles a mínima influência no que diz respeito ao julgamento propriamente dito, tentava convencê-los das suas grandes responsabilidades e prometia-lhes acatar incondicionalmente a decisão do sínodo, contanto que restabelecesse a paz na Igreja (101). O critério adotado por Teodorico era meramente externo, mas o único que se recomendava a um rei ariano: limitando seu papel a criar condições favoráveis para apaziguar os ânimos acalorados, desempenhou-se da sua tarefa de árbitro muito melhor do que numerosos príncipes católicos antes ou depois. Finalmente o sínodo dissolveu-se, deixando com Deus a questão se Símaco era culpado ou não. Evidentemente essa atitude vacilante não restabeleceu a paz, mas o rei não pôde fazer nada a não ser acompanhar atentamente a marcha dos acontecimentos e aguardar o momento oportuno para uma intervenção. A oportunidade se deu em 506. Lourenço foi sendo abandonado pela maioria do clero e dos senadores que, informados pelo monge alexandrino Dióscoro sôbre a situação no Oriente, começaram a ver o fundo político da desunião: foi então que Teodorico se pronunciou pelo papa legítimo Símaco. Mesmo assim alguns clérigos e senadores ficaram fiéis a Lourenço até 514, ano em que faleceu (102). Outra vez se provara a prudência do rei dos ostrogodos.

Tôda a constelação política mudou de repente, quando em 518 o Imperador Justino subiu ao trono de Bizâncio. Justino, oriundo da Dalmácia latina e secundado por seu sobrinho Justiniano, era ortodoxo fervoroso, sendo que sua ascensão em grande parte era devida às reações do povo bizantino enfadado da política eclesiástica dos Imperadores Zenão e Anastácio. Em 519, concluiu-se o tratado de paz com Roma; dadas as íntimas relações que, naquele tempo, existiam entre a Igreja e o Estado, a reconciliação das duas Igrejas tinha também um aspecto político: Teodorico era mais uma vez reconhecido como senhor da Itália, e seu genro Eutarico recebia as mais altas distinções da côrte de Constantinopla; o herdeiro presun-

(101). — A paz não só na Igreja, mas também nas ruas de Roma, cf. *Liber Pontificalis, Vita Symmachi*, 5: *Eodem tempore Festus, caput senatus et exconsul, et Probinus exconsul, coeperunt intra urbem Romanam pugnare cum aliis senatoribus et maxime cum Fausto exconsule, et caedes et homicidia in clero ex invidia fiebant.* — Entre os senadores, Fausto era o líder dos simaquiãos, e Festo o dos laurentianos; ignoramos por completo a atitude de Cassiodoro e de Boécio neste conflito.

(102). — Cf. Cassiodorus, *Chronicon*, ad a. 514.

tivo do trono de Teodorico era nomeado cônsul para o ano de 519, passando a ser **civis romanus** em consequência dessa nomeação (103) e era proclamado **filius per arma** do Imperador (104). Já não existiam motivos para que a aristocracia romana perseverasse na sua atitude de reserva perante a côrte de Ravena. Boécio que até então se mantivera distante de todo e qualquer cargo áulico em Ravena (105), foi nomeado **magister officiorum**, isto é, chefe da chancelaria real, para 523; no ano anterior seus dois filhos, — pequeninos ainda, — tinham sido cônsules, — uma honra excepcional para o Ocidente que normalmente podia designar um só cônsul, — e o grato pai tinha proferido uma **luculenta oratio** no senado romano em homenagem ao rei (106). Ninguém podia imaginar que a catástrofe estivesse iminente. Já em 523, um certo Cipriano, referendário da chancelaria real e funcionário subalterno a Boécio, acusou o senador Albino de entreter relações secretas com Bizâncio. Boécio assumiu a defesa do réu no consistório (107), dizendo:

“Falsa é a incriminação de Cipriano, mas se Albino o fêz, eu também o fiz e todo o Senado” (108).

Com estas palavras o processo tomou rumo completamente diferente: Boécio e o Senado ficaram envolvidos nas acusações. O Senado, a despeito dos protestos do seu presidente Símaco, o sôgro de Boécio, abandonou covardemente um dos

(103). — Cassiodoro proferiu no senado um discurso em homenagem a Eutarico (cf. *Variae*, IX 25, 3; os fragmentos foram editados por Mommsen, nas *Variae*, págs. 456-472) e dedicou-lhe uma Crônica (a mais completa lista de cônsules que a Antigüidade nos deixou, mas obra muito pobre do ponto de vista da historiografia).

(104). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, VIII 1, 3.

(105). — Boécio aceitara o consulado, que não era cargo áulico, para o ano de 510. — As cartas escritas a êle por Teodorico (cf. Cassiodorus, *Variae*, I 10; I 45; II 40) não implicam que Boécio, antes de 523, tenha sido ministro em Ravena.

(106). — Boethius, *De Consolatione Philosophiae*, II, Prosa III, 6: *Cum duos pariter consules liberos tuos domo provehi sub infrequentia patrum sub plebis alacritate vidisti, cum eisdem in curia curules insidentibus tu regiae laudis orator ingenii gloriam facundiaeque meruisti, cum in circo duorum medius consulum circumfusae multitudinis expectationem triumphali largitione satiasti*; cf. *Anecdotorum Holderi: Regem Theodericum in senatu pro consulatu filiorum luculenta oratione laudavit*.

(107). — O *consistorium principis* compunha-se do *quaestor sacri palatii*, do *magister officiorum*, do *comes sacrarum largitionum* e do *comes rerum privatarum* (membros ordinários) e do *praefectus praetorio* e do *magister militum* (membros extra-ordinários). O *consistorium* era o conselho do Imperador, consultado regularmente sôbre todos os assuntos administrativos; também lhe cabia o julgamento de “lesa-majestade”. Sob Teodorico continuava funcionando êsse conselho de ministros.

(108). — *Anonymus Valesianus*, 85.

seus membros mais ilustres, apressando-se em declarar sua inocência. As conseqüências são sabidas: em 524 foi executado o último filósofo de Roma, e em 525 Símaco seguiu seu genro na morte. Desconhecemos o destino de Albino e, o que é mais lastimável, andamos às apalpadelas quanto à culpa de Boécio e quanto a numerosos pormenores que causaram o fim trágico dos dois anícios. Mas sabemos com certeza que Teodorico, nesse processo, desviou-se do caminho legal, encarregando uma comissão composta de senadores (109), — e não os membros do consistório, — de julgar a causa de Boécio; além disso, não lhe deu a oportunidade de se defender (110) e chegou a impor aos juizes a condenação do réu (111).

O rei, depois de enveredar pelo caminho errado, não encontrou mais a força nem a coragem de abandoná-lo. Pouco tempo depois, forçou o papa João I a ir tratar em Constantinopla com o Imperador sobre a posição dos gódos arianos no Oriente. O papa foi muito bem recebido na cidade do Bósforo (112), mas não conseguiu nenhum abrandamento das medidas severas tomadas contra os arianos, sendo muito provável que não se tenha esforçado para convencer Justino do ponto de vista de Teodorico: este queria que todos os gódos no Oriente, recém-convertidos ao catolicismo, fôsem restituídos à doutrina e ao culto de Ário (113). Incumbência impossível de executar pelo Papa! De volta à Itália, João I, homem doentio, foi mal recebido por Teodorico que o meteu em prisão, onde o papa faleceu pouco tempo depois. O que o rei antes nunca fizera, fêz agora: nas eleições do novo Papa, usou de toda a sua influência para promover seu candidato, Félix IV, à cátedra

- (109). — Essa comissão, composta de cinco senadores (*quinquevirale iudicium*) e presidida pelo *praefectus urbi* (no caso de Boécio, o presidente foi Eusébio, cf. *Anonymus Valesianus*, 87), julgava no Baixo Império todos os delitos cometidos por senadores, menos os de traição e de lesa-majestade. A medida tomada por Teodorico foi aparentemente benigna, mas na realidade severa e injusta, cf. J. Sundwäll, *op. cit.*, págs. 248-249.
- (110). — Cf. Boethius, *De Consolatione Philosophiae*, I, *Prosa IV*, 24: *Nunc quingentis fere passuum milibus procul, muti atque indelensí, ob studium propensius in senatum mortí proscriptíoníque damnamur*; cf. *Anonymus Valesianus*, 87: *inaudito Boethio*.
- (111). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 87: *Rex vero... inaudito Boethio protulit in eum sententiam*.
- (112). — Cf. Marcellinus Comes, *Chronicon*, ad a. 525: *Johannes Romanae Ecclesiae papa... solus dumtaxat Romanorum sibi decessorum urbe digressus Constantinopolim venit. Miro honore susceptus est. Dexter dextrum ecclesiae insedit solum diemque Domini nostri resurrectionis plena voce Romanis precibus celebravit*. — O papa até chegou a coroar o Imperador, cf. *Liber Pontificalis, Vita Johannis*.
- (113). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 91: *Cui Justinus Imperator venienti ita occurrit ac si Beato Petro: cui data legatione, omnia repromisit facturum praeter reconciliatos, qui se fidei catholicae dederunt, Arianis restitui nullatenus posse*.

de São Pedro (114). Restavam-lhe, porém, só poucos dias para se regozijar da sua vitória: no dia 30 de agosto de 526 morreu, atormentado por remorsos e pesadelos (115), e completamente alienado dos seus súditos romanos que, antigamente, o tinham respeitado e até amado. Corria o boato de que o rei, pouco tempo antes de morrer, ordenara a confiscação de todas as igrejas católicas de Ravena, crime cuja execução foi impedida só por sua morte (116).

O cronista anônimo, a quem já recorremos várias vezes no presente artigo, diz na primeira parte do seu opúsculo: **Nihil enim perperam gessit** (117), ilustrando a perfeição do seu herói com muitos exemplos e anedotas: quando, porém, passa a narrar os desvios de Teodorico nos últimos anos da sua vida, apresenta-lhe a intervenção direta do diabo como a única causa capaz de explicar a reviravolta do rei (118).

Com efeito, a atitude do septuagenário Teodorico contrasta singularmente com a tolerância e a benevolência dos seus anos anteriores. Como explicar a mudança brusca? A nosso ver, pelo isolamento e pelas decepções pessoais do rei godo. Teodorico havia-se tornado um homem solitário no terceiro decênio do século VI. Não tinha filho que lhe pudesse suceder (119): o visigodo Eutarico que, em 515, se casara com sua filha Amalasantha, havia falecido pouco depois de 520, deixando um filho pequeno, Atalarico, incapaz de lhe suceder por enquanto. O papa Hormisdas (514-523) que, apesar de todas as suas tentativas de chegar a um acordo com Bizâncio, sempre lhe fôra um colaborador leal, teve como sucessor João I, cujas simpatias por Bizâncio eram manifestas para todos. Teodorico perdera outros amigos valiosos entre o clero italiano, por exemplo, Enódio, o bispo de Pavia (em 521). Além disso, estava perigando sua política de alianças com os outros povos bárbaros no Ocidente: os burgúndios (120), os vândalos (121) e so-

(114). — Cf. *Liber Pontificalis, Vita Felicis* (1a. redação): *ex jussu Theoderici Regis (ordinatus est)*, e Cassiodorus, *Variae*, VIII 15 (carta de Atalarico ao Senado sobre a eleição do novo papa).

(115). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 1, 35-39.

(116). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 95.

(117). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 60.

(118). — Cf. *Anonymus Valesianus*, 83. — Cf. também Gregorius Magnus, *Dialogi*, IV 31.

(119). — Votos pelo nascimento de um filho herdeiro, cf. Ennodius, *XXLXIII* 93; *CDLVIII* 10.

(120). — O neto de Teodorico, Sigerico, recém-convertido ao catolicismo, tinha sido assassinado por seu pai Sgismundo (522); o rei dos ostrogodos mandou seu general Tuluim à Gália para vingar a morte de Sigerico, mas os francos já se tinham desincumbido de "castigar" o rei dos burgúndios. Contudo Tuluim conseguiu anexar uma nova província aos territórios galeses de Teodorico, cf. Cassiodorus, *Variae*, VIII 10, 8.

bretudo os francos (122) ameaçavam perturbar o equilíbrio dos poderes, tornando inseguro o futuro do Reino dos gôdos. O que sobremaneira o preocupava era que Bizâncio, como se evidenciava cada vez mais, tinha tido segundas intenções de ordem política, ao fazer as pazes com Roma: atos provocantes contra os arianos no Oriente e gestos lisonjeiros dirigidos ao Senado da antiga Roma (o Senado de Teodorico!) provavam que, para Bizâncio, um pacto concluído com bárbaros tinha pouco valor, não passando de um expediente ditado pelo oportunismo. O velho príncipe de Ravena, alquebrado pelas decepções, não tinha mais a força de dominar as dificuldades internas e externas que se iam avolumando: acabara-se sua paciência, ressuscitando nele o antigo “bárbaro”. Via como se ia desmoronando um edifício construído por êle durante mais de trinta anos.

Todos êsses fatores psicológicos devem ser levados em consideração para explicar a atitude despótica de Teodorico nos últimos anos da sua vida. Para nós, porém, que temos a possibilidade de encarar seu fim trágico sob uma perspectiva histórica, seu malôgro final trai a fraqueza interna da sua construção política, anunciando o declínio fatal do poder dos ostrogodos na Itália. Seu Reino não se tinha tornado uma unidade espiritual, e nem mesmo política, durante os longos anos do seu governo. O **Indian summer** que seu braço forte havia conseguido proporcionar à Itália, era mais o resultado feliz de uma convergência de fatores propícios do que uma sólida construção capaz de desafiar as peripécias dos tempos. Teodorico era mestre em aproveitar-se de uma dada situação, mas sua força era mais aparente do que real: espírito engenhoso apenas no plano de realizações imediatas mas, no fundo, altamente conservador, falhou em criar uma ordem nova na Itália. Se o apelido “o Grande” deve ser reservado para aquêles homens, cuja vinda significa uma nova época na história dos povos, há motivos de sobêjo para recusar êsse título a Teodorico. Seu governo não preludeu a Idade Média, mas encerrou a Antiguidade; não fêz História, mas marcou somente um episódio; não renovou, mas apenas deteve por algum tempo um processo de de-

(121). — Em 523, Hilderico (católico) sucedeu a Transmundo (ariano) em Cartago; Amalafreda, a irmã de Teodorico e viúva do rei defunto, conspirou contra o novo regime, mas suas intrigas foram descobertas: ela foi encarcerada e morreu (assassinada ou não?) pouco tempo antes de Teodorico; cf. Cassiodorus, *Variae*, V 17, 3: *Non habet quod nobis... Afer insultet*; IX 1 (esta carta já escrita em nome de Alarico).

(122). — Quanto à expedição dos gôdos à Gália, cf. nota 99 e Cassiodorus, *Variae*, V 10-11; V 32-33. — Apesar de serem os francos os rivais mais sérios dos ostrogodos, as relações entre os dois povos foram, sob o governo de Teodorico, sempre formalmente corretas.

composição. Evidentemente ninguém pode dizer o que teria acontecido, se os gôdos tivessem conseguido manter sua posição na Itália. Parece-nos muito provável, porém, que mesmo assim não teriam encontrado um destino muito diferente dos visigodos na Espanha: a absorção completa pela população romanizada. Em todo o caso, não podiam ter desempenhado o papel histórico dos francos. Seu pequeno número, sua diferença cultural e religiosa em relação ao ambiente, sua falta de um *hinterland* germânico capaz de lhes fornecer cada vez sangue novo, seu nacionalismo enfraquecido, — consequência inevitável das suas longas peregrinações através do Império Romano, — eis alguns fatores que predestinaram a experiência gótica na Itália a um malôgro fatal.

*

* *

Após a morte de Teodorico, os sintomas da crise não tardaram a agravar-se. Amalasueta, que, como regente, governava em nome do seu filho menor Atalarico (123), conseguiu manter durante algum tempo as belas aparências. Restituiu às famílias de Boécio e de Símaco os bens confiscados (124), e nomeou um gôdo moderado, Tuluim, *patricius praesentalis* (125), isto é, comandante supremo das tropas góticas (126). Foi o início de um programa de reconciliação. A princesa gôda, mulher culta e inteligente (127), cercava-se de elementos moderados e fazia tudo para reconquistar a simpatia dos romanos, chegando a dar ao seu filho uma educação romana.

Nesta nova orientação muitos gôdos viam uma traição aos costumes ancestrais. A oposição forçou a regente a demitir

(123). — Contra os costumes nacionais do povo gôdo, mas de acordo com a praxe bizantina, Teodorico, ao morrer, havia designado seu neto Atalarico como sucessor, cf. Jordanes, *Getica*, 304; *Romana*, 367; Procopius, *De Bello Gothico*, I 2, 1; *Anonymus Valesianus* 96. E' a chamada *designatio heredis* prática adotada em 530 também pelo papa Félix IV que escolheu Bonifácio seu sucessor.

(124). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 2, 5.

(125). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, VIII 9-11.

(126). — Dada a minoridade de Atalarico, tornou-se necessário nomear um gôdo para o posto de generalíssimo: foi Tuluim, que em 523 havia comandado as tropas gôdas na Gália com bom êxito (cf. nota 120). Mas o generalíssimo dos *milites* do Império Romano tinha que receber também um título romano: por isso Tuluim foi nomeado *patricius praesentalis*, cargo que lhe conferia a cidadania romana e a dignidade senatorial. — O *magister utriusque militiae* (= generalíssimo) tinha, desde 440, o título de *patricius* (*praesentalis*), cf. J. B. Bury *op. cit.*, vol. I pág. 252.

(127). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, XI 1: *Qua enim lingua non probatur doctissima? Atticae facundiae claritate diserta est: Romani eloquii pompa resplendet: nativi sermonis ubertate gloriatur: excellit cunctos in propriis, cum sit aequaliter ubique mirabilis;* cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 2, 3; I 4, 29; *Historia Arcana*, XVI 1.

seus amigos conselheiros (por exemplo, Cassiodoro) e a confiar os cargos civis a elementos extremistas, entre os quais se achavam Cipriano e Opílio, que pertenciam ao grupo dos **palatinae canes** (128). Atalarico foi pôsto sob a tutela de cortesãos gôdos, e encorajado por seus educadores que queriam, à viva fôrça, subtraí-lo à influência da sua mãe, o menino, verdadeiro neto de um **roi-parvenu**, foi-se entregando a todos os prazeres viciosos da côrte. Mas Amalasunta era mulher enérgica e ambiciosa: humilhada, mas não derrotada, ela aguardava o momento oportuno para se livrar dos seus adversários. Quando, em 533, êstes exigiram sua abdicação, ela não se opôs abertamente, mas procurou ganhar tempo. Sob o pretexto de um honroso comando militar, enviou os três piores dos seus inimigos para três lugares longínquos da Itália, onde os fez matar: antes de dar êsse passo, havia pedido ao Imperador Justiniano para acolhê-la no seu Império, caso malograsse o golpe. Mas o golpe não malogrou, e Amalasunta pôde tratar de executar seus planos. Indo muito além dos princípios estabelecidos por seu pai, nomeou o aristocrata romano Libério **patricius praesentalis** (129), o que significava o abandôno do dualismo integral; ao mesmo tempo, nomeou Cassiodoro seu **praefectus praetorio** (130).

Em 534, morreu Atalarico, vítima da sua vida desregrada (131). A situação tornou-se outra vez precária para Amalasunta. Sua ambição não lhe permitia abdicar; por outro lado, sabia que os gôdos nunca se conformariam com uma rainha. Hesitando entre o mêdo e a esperança, decidiu-se a admitir seu primo Teodado no govêrno (132): foi um ato de desespêro, porque Teodado, um grão-senhor gôdo que morava nos seus domínios extensos na Etrúria, era malquisto pelos gôdos e pelos romanos. Gabava-se da sua cultura filosófica (133), não ocultava seu desprêzo pelas armas e era bom discípulo dos romanos na arte de apropriar-se ilegalmente de grandes posses; já duas vêzes havia sido envolvido num processo por causa dos seus roubos (134). “Ter um vizinho”, diz

(128). — Boethius, *De Consolatione Philosophiae*, I, Prosa IV, 10.

(129). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, XI 1, 16.

(130). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, IX 24-25.

(131). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 4, 4-11; Jordanes, *Getica*, 306; *Annales Ravennatenses*, ad a. 534 (VI. Nonas Octobris).

(132). — A apresentação de Teodado ao Imperador e ao Senado, cf. Cassiodorus, *Variae*, X 1-4.

(133). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 3, 1; Cassiodorus, *Variae*, X 3, 4-6; XI 13, 4.

(134). — Cf. Cassiodorus, *Variae*, IV 39; V 12; Procopius, *De Bello Gothico*, I 3, 3. — Uma alusão discreta à sua cobiça, cf. *Variae*, X 3, 3: *patiens in adversis*,

Procópio lacônicamente, “era para Teodado uma coisa insuportável” (135). A êsse Teodado a filha de Teodorico fêz a proposta de compartilhar com ela, ao menos aparentemente, o govêrno da Itália: o primo prestou todos os juramentos que ela lhe pedia, mas — como diz Procópio — uma vez bem instalado no trono de Ravena, fêz tudo ao contrário (136). Já no dia 30 de abril de 535, Amalásunta foi relegada para uma ilha distante, onde foi assassinada pouco tempo depois (137).

A partir desta época tornaram-se manifestas as intrigas de Bizâncio. Aí o Imperador Justiniano sucedera ao seu tio no ano de 527. O novo **basileus** estava profundamente compenetrado da universalidade e da sublimidade do Império Romano que queria restabelecer no seu antigo esplendor. Autocrata despótico, vivendo separado dos seus súditos por uma etiqueta cerimoniosa de caráter semi-litúrgico, homem altamente consciente das suas responsabilidades, trabalhador infatigável, mas com a tendência de se perder em pormenores, desconfiado a ponto de frustrar a atividade e a eficiência dos seus colaboradores, escrupulosamente metucioso de modo a dar-nos muitas vêzes a impressão de ser indeciso, — Justiniano nos parece o protótipo de Filipe II. Do mesmo modo que o rei espanhol, reputava-se o defensor e o propagandista da fé ortodoxa, cujos interesses não raro confundia, — de boa ou de má fé, quem o sabe? — com os do Império; atribuindo-se uma posição quase sacra dentro da Igreja (138), deu à dignidade imperial aquela ideologia que, durante muitos séculos, havia de ser a doutrina oficial de Bizâncio: a de autocracia cesaropapista. Justiniano era casado com Teodora, cujo passado não era imaculado (139), mas a ex-atriz, uma vez chegada ao trono imperial, revelou-se coadjuvante inteligente e enérgica do seu marido e até salvou para êle a corôa nos dias difíceis de uma revolta popular (140).

Segundo Procópio, era uma das características da diplomacia imperial empregar meios aparentemente diferentes, até

moderatus in prosperis et quod difficillimum potestatis genus est, olim rector sui; X 3, 6: In hospitalitate promptus, in miseratione piissimus: sic cum multa expenderet, census ejus caelesti remuneratione (sic!) crescebat.

(135). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 3, 2.

(136). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 4, 12.

(137). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 4, 12-14; Jordanes, *Getica*, 306; Marcellinus Comes (Continuator), *ad a.* 534; *Annales Ravennatenses ad a.* 535.

(138). — Ao passo que Constantino Magno se atribuía o título de “bispo de fora” (cf. Eusebius, *Vita Constantini*, IV 24), Justiniano se arrogava o título de *archieréus kai basiléus* (= “sumo pontífice e imperador”).

(139). — Cf. Procopius, *História Arcana*, IX.

(140). — Cf. Procopius, *De Bello Persico*, I 24.

contraditórios, que na realidade deviam levar a um único efeito (141): sob as aparências de seguir uma política contrária à do seu marido, Teodora colaborava hábilmente com êle para executar os verdadeiro desígnios do trono imperial. Foi isso que se deu no caso de Teodado e de Amalasunta. Antes da morte do seu filho, Amalasunta havia implorado a proteção de Justiniano, que êle generosamente lhe concedeu; logo que Amalasunta se associou a Teodado, êste foi incentivado por um embaixador de Teodora para se livrar da sua prima (142). E' fácil adivinhar as conseqüências dessas manobras traiçoeiras. Justiniano, logo após saber do assassinato de Amalasunta, arvorou-se em vingador da morte da filha de Teodorico, morte provocada pelas instigações da sua espôsa Teodora.

Teodado era a covardia personificada, estando disposto a fazer tôda e qualquer concessão para evitar uma guerra com o Imperador. Não custou muito à diplomacia bizantina iludir o poltrão que só pensava em salvar a pele e em conservar seus haveres. Belisário, o general do Imperador, que havia conquistado a África (terra ocupada pelos vândalos desde 429) acabava de desembarcar com as suas tropas na Sicília; outro exército imperial estava prestes a invadir a Dalmácia. O último dos amalos perdeu completamente a cabeça, chegando a propor a Pedro, o embaixador de Justiniano, a rendição da Itália inteira em troca de certa receita anual (143). Quando Pedro, porém, voltou à Itália para ratificar a combinação, encontrou o rei numa disposição muito diferente: o exército dos ostrogodos tinha alcançado uma pequena vitória sôbre as tropas imperiais na Dalmácia, motivo suficiente para Teodado resolver-se a medir suas fôrças com Belisário. Mas não tinha bastante energia para transformar sua resolução em atos práticos, de modo que tôda a Itália até à cidade de Nápoles caiu em poder de Belisário. Os gôdos, finalmente revoltados pela indolência do seu rei sem caráter, e lembrados dos seus antigos costumes nacionais, ergueram sôbre o escudo um certo Vítiges, proclamando-o rei da Itália. Êste matou o inerme Teodado e apressou-se a ir a Ravena, onde se casou com a filha de Amalasunta, Matasunta, a última descendente de Teodorico (144). O matrimônio com uma amala devia legitimar seu govêrno aos olhos dos bizantinos e dos romanos.

(141). — Cf. Procopius, *História Aroana*, X 13-14.

(142). — Cf. Procopius, *História Arcana*, XVI 1-5.

(143). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 6 (diálogo entre Teodado e Pedro).

(144). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, I 11, 27; Jordanes, *Getica*, 311; Marcellinus Comes (Continuator), *ad a.* 536: *Ravennamque ingressus Matesuentham nepotem Theoderici sibi sociam in regno plus vi copulat quam amore.* —

A ascensão de Vítiges, planejada como uma restauração do programa de Teodorico, não surtiu os efeitos desejados: o novo rei era bom soldado, mas lhe faltavam tôdas as capacidades para organizar uma guerra de defesa contra um general da categoria de Belisário. Roma foi conquistada pelos bizantinos, e Vítiges não conseguiu reconquistá-la, apesar de um sítio de longos meses. Pouco tempo depois, Ravena foi cercada. Justiniano queria liquidar quanto antes a questão gótica, visto que no Oriente havia ameaça de uma guerra com os persas. Os gôdos, cujas perdas eram consideráveis, viram-se obrigados a entrar em negociações com Belisário: o território italiano ao sul do Pó reverteria para o Imperador, e os gôdos poderiam estabelecer-se como **fœderati** só no norte do país. Os bárbaros aceitaram de boa vontade as condições, e até chegaram a oferecer a Belisário o diadema (145). Das negociações entre as duas partes deduz-se com tôda a certeza que os gôdos não lutavam para defender sua existência nacional, e sim, para poder continuar vivendo na Itália nas antigas condições. Ravena capitulou (em 540). Então se deu uma coisa incrível para os bárbaros. Belisário, convidado a ser rei dos ostrogodos, rejeitou a oferta a despeito de tôdas as suas promessas anteriormente feitas e voltou para Constantinopla, levando consigo como reféns Vítiges, Matasunta (146) e muitos outros membros da nobreza gôda. Os bárbaros verificaram com assômbro que Belisário preferia o cargo subalterno de general romano à dignidade real entre êles (147).

Com a capitulação de Ravena estava terminada a guerra contra os gôdos, — assim pensava o Imperador, mas logo se evidenciou seu êrro. Os gôdos, cruelmente desiludidos pela atitude de Belisário, pegaram outra vez nas armas e, partindo do norte da Itália, sustentaram a luta com as tropas imperiais durante quinze anos. Chefiados por Tótila e, depois, por Téia lutavam como leões simplesmente para sobreviver, dando provas de heroísmo que os transformaram em figuras lendárias. Não podemos acompanhar aqui as peripécias desta guerra immortalizada pela obra de Procópio. Basta dizer que Bizâncio interpretava a guerra gótica depois de 540 como pu-

Cassiodoro proferiu um discurso quando do casamento de Vítiges e Matasunta; fragmentos editados por Mommsen nas *Variae*, págs. 473-484.

(145). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, II 29, 18.

(146). — Procopius (*De Bello Gothico*, III 39, 14), diz que Matasunta, depois da morte de Vítiges, casou com Germano, o sucessor presuntivo de Justiniano (550).

(147). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, II 30, 25.

ra rebeldia (148): a rebeldia, no entanto, prolongou-se até 555, ano em que Narses liquidou definitivamente os derradeiros restos do povo gôdo.

Foi nesta guerra desastrosa que se efetuou, na Itália, a passagem da Antigüidade para a Idade Média. Roma que, em 500, ainda tinha o aspecto de uma metrópole de mármore (149), mudou várias vezes de dono (150), ficou durante algum tempo sem habitantes (151) e foi-se transformando numa cidade provinciana, decadência essa que era mais devida à extrema miséria dos seus poucos habitantes empobrecidos do que a um ato propositado de um conquistador bárbaro (152). Em 580, ouvimos falar pela última vez do Senado (153), e uns vinte anos depois escreve Gregório Magno:

“Nossos olhos nada vêem senão luto, nossos ouvidos nada ouvem senão lamentações. As cidades estão destruídas, as fortalezas arruinadas, regiões inteiras despovoadas, e a terra transformou-se num deserto... Nenhum dia passa em que o restante miserável do gênero humano não seja flagelado por novas calamidades... Onde está o Senado? Onde está o povo?... Desapareceu o esplendor das antigas dignidades... E os poucos que foram poupados, vêem-se todos os dias ameaçados pela espada do inimigo e por inúmeras outras provações” (154).

Nestas últimas palavras o Papa alude às novas hordas de bárbaros, os longobardos, que em 568 invadiram a Itália, as-

-
- (148). — A *Pragmatica Sanctio*, promulgada por Justiniano em 555 para regular a situação da Itália recém-conquistada, fala de Tótila como *tyrannus* (2; 15; 17), *nefandissimus* (8) e *sceleratae memoriae* (24), ao passo que Teodorico é mencionado como *rex* (8). Todas as medidas tomadas por Tótila são anuladas.
- (149). — O monge Fulgêncio que, em 500, visitou a Cidade Eterna, teria exclamado: *Fratres, quam speciosa potest esse Hierusalem coelestis, si sic fulget Roma terrestris!* (Apud Ferrandus, *Vita Fulgentii*, IX). — Cf. também Cassiodorus, *Variarum*, III 21; VII 15, 2; VII 6, 1; X 18, 2.
- (150). — Roma foi tomada por Belisário (9 de dezembro de 536); cercada por Vitiges (537-538) que destruiu grande parte dos aquedutos; cercada e tomada por Tótila (546); reconquistada por Belisário (547); cercada e tomada por Tótila (549); reconquistada por Narses (552).
- (151). — Cf. Procopius, *De Bello Gothico*, III 24, 19; Marcellinus Comes (Continuator), *ad a.* 547.
- (152). — A última vez que ouvimos falar no Senado da Velha Roma é no ano de 580, apud Menander, fr. 62 (FHG, IV pág. 263). — Téias havia assassinado (em 553) 300 filhos de famílias senatoriais, cf. Procopius, *De Bello Gothico*, IV 34, 8.
- (153). — Gregorius Magnus, *Dialogi*, II 15: *Cui vir Domini (= Sanctus Benedictus) respondit: Roma a gentibus non exterminabitur, sed tempestatibus, coruscis et turbibus, ac terrae notu fatigata, marcescet in semetipsa.*
- (154). — Gregorius Magnus, *Homilia* 18 (PL 76, 1009).

solando-a em escala muito maior ainda do que os bárbaros anteriores (155).

Em meio às provações indescritíveis, a Igreja era a única instituição a sobreviver: sob o pontificado de Gregório Magno tornou-se uma potência internacional, cujo prestígio se impunha aos bárbaros no Ocidente e cuja existência não podia ser ignorada impunemente pelo Imperador de Bizâncio. Sob os auspícios do papado, cujas legiões beneditinas se espalhavam pela Europa, ia nascer uma nova sociedade, germânica e cristã. Foi sob Carlos Magno que a nova sociedade se tornou consciente da sua existência. A coroação do rei dos francos pelo papa Leão III na noite de Natal de 800 simbolizava a idéia agostiniana, embora muito simplificada, da cooperação moderna entre o poder espiritual e o poder temporal; não exprimia menos a emancipação dos “bárbaros” germânicos (156).

*

* *

Teodorico não se tornou **Augustus**, sendo apenas o vassallo do Imperador de Bizâncio. Seus gôdos, com a exceção de algumas figuras muito raras, não tomavam parte na vida cultural e espiritual dos romanos, mas constituíam um elemento estranho no organismo do Baixo Império; como arianos, eram um obstáculo para o nascimento de uma sociedade cristã unida. O Reino italiano dos ostrogodos não possuía a força de resistir aos golpes internos e externos. Não obstante, devemos fazer justiça às obras de paz e de restauração iniciadas por Teodorico. Mas a paz e a ordem, estabelecidas por seu braço forte, assemelhavam-se à calma que costuma anunciar uma tempestade.

JOSE' VAN DEN BESSELAAR

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

(155). — Cf. G. Pepe, *Le Moyen Âge barbare en Italie*, Paris, Payot, 1956, págs. 87-94.

(156). — Cf. Eginhardus, *Vita Caroli Magni*, 28: *Invidiam tamen suscepti nominis (i. e. Augusti et Imperatoris), (Carolus) imperatoribus super hoc indignantibus, magna tulit patientia; vivitque eorum contumaciam magnanimitate, qua eis procul dubio praestantior erat, mittendo ad eos crebras legationes et in epistolis fratres eos appellando.*